

TRANSVERSALIDADE NO ENSINO MÉDIO: UMA EXPERIÊNCIA ENTRE AS DISCIPLINAS DE SOCIOLOGIA E DE ESPANHOL

Luis Afonso Salturi¹
Juliana Regina Pretto²

Resumo: Este artigo trata sobre a transversalidade de conteúdos estruturantes do Ensino Médio, a partir do relato de uma experiência desenvolvida entre as disciplinas de Sociologia e de Espanhol. Tomamos como base os resultados obtidos por meio de uma oficina sobre o “Dia dos Mortos” no México, realizada num colégio público da cidade de Curitiba-PR. Ao final, o cronograma das atividades desenvolvidas é apresentado como apêndice, servindo também como proposta de uma nova aplicação.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia. Ensino de Espanhol. Transversalidade.

Abstract: This article discusses the crosscurricular structuring themes in senior high school contents based on the account about an experiment conducted by the teachers of two school subjects: Sociology and Spanish. Then we analyze the results obtained from a workshop activity based on “The Day of the Dead” in Mexico, held in a public school in the city of Curitiba, in the state of Paraná. At the end, we present the schedule of activities as an appendix, also serving as a proposal for a new application of the theme.

Keywords: Sociology Teaching. Spanish Teaching. Crosscurricular Issues.

Introdução

Vivemos num país formado por diferentes etnias, repleto de culturas e crenças diversas. Por isso, é de especial importância fomentar em nossos alunos o respeito e a tolerância em relação às diferenças, a partir de atitudes integradoras e não excludentes. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é relatar uma experiência realizada no ano de

¹ Universidade Federal do Paraná. Graduado em Ciências Sociais (2004), Mestre (2007) e Doutor em Sociologia (2011) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). É professor de Sociologia na Secretaria de Estado da Educação do Paraná e no ensino superior privado, em Curitiba-PR. E-mail: lasalturi@yahoo.com.br

² Instituto Federal do Paraná, em Paranaguá –PR. Graduada em Letras - Português e Espanhol (2002) e Mestre em Letras (2006) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). É professora de Língua Portuguesa e Língua Espanhola no Instituto Federal do Paraná, em Paranaguá-PR. E-mail: julipretto@hotmail.com

2010, com alunos do Ensino Médio de um colégio público da cidade de Curitiba, Paraná, durante uma oficina que envolvia as disciplinas de Sociologia e de Espanhol. Nessa oficina, escolhemos, como tema transversal para trabalhar os conteúdos das duas disciplinas, o “Dia dos Mortos” no México, para incentivarmos o respeito à cultura de outros povos e a tolerância religiosa, bem como a aprendizagem da língua espanhola.

Por possuírem desenvolvimentos político, econômico e social diversificados, os diferentes grupos sociais não podem ser comparados entre si e classificados como mais, ou menos importantes. Conceitos sociológicos, como os de cultura e de identidade, permitem romper com o senso comum e adotar, ao invés deste, uma perspectiva científica diante dos fenômenos sociais. Assim, para desenvolver os conteúdos propostos na oficina, baseamo-nos tanto nesses conceitos quanto na interculturalidade para o ensino de línguas estrangeiras. Por isso, antes de expor nossa experiência, iniciaremos explicando o conceito de competência intercultural, esclarecendo melhor sua relação com o tema transversal escolhido.

Transversalidade e interculturalidade na sala de aula

A cultura é o sistema integrado de padrões de comportamento aprendidos, os quais são característicos dos membros de uma sociedade e não o resultado de sua herança biológica. A noção de cultura é inerente à reflexão das Ciências Sociais, na medida em que fornece uma resposta mais satisfatória para tratar sobre a diferença entre os grupos sociais. Existe uma forte relação entre os conceitos de cultura e de identidade. Segundo CUCHE (2002), enquanto a cultura depende em grande parte de processos inconscientes, a identidade remete a uma norma de vinculações consciente, baseada em oposições simbólicas. Desse modo, a identidade é ao mesmo tempo inclusão e exclusão, pois se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais. A competência intercultural é a habilidade de agir de forma adequada diante de atitudes e expectativas de indivíduos de outras culturas. BYRAM e FLEMING (2001) propõem que a competência intercultural constitua um componente indissociável daquela que é uma competência mais geral, a competência comunicativa.

O conceito de competência comunicativa cunhado por Hymes, em 1971, e reformulado por Canale, em 1983, deu origem aos enfoques que representaram uma mudança de orientação no ensino de línguas estrangeiras. HYMES (1995) apresenta a competência comunicativa como vários sistemas de regras que se refletem nos juízos e capacidades daqueles cujas mensagens manifestam o comportamento. CANALE (1995)

propõe quatro áreas de conhecimento e habilidade como elementos que interagem com outros sistemas de conhecimentos e habilidades, que são chamadas de competência gramatical, sociolinguística, discursiva e estratégica. O autor afirma que a competência sociolinguística relaciona-se com a adequação do comportamento linguístico ao contexto sociocultural como, por exemplo, as normas de comportamento social da cultura em que essa língua está inserida e os hábitos.

Os estudos sobre a interculturalidade evoluíram a partir da pragmática, da sociolinguística e da etnolinguística. Na atualidade, entre os enfoques que tratam do desenvolvimento da competência intercultural, destacam-se principalmente dois: o enfoque das destrezas sociais e o enfoque holístico. O primeiro se baseia no modelo do falante nativo, e seu objetivo é que o aprendiz se comporte em relação às normas e convenções da comunidade de fala em questão, de modo a passar por um membro da mesma. Já a proposta do segundo enfoque consiste em desenvolver no aprendiz certos aspectos afetivos e emocionais, entre eles atitude, sensibilidade e empatia especiais a respeito das diferenças culturais. Somente assim se superará o etnocentrismo sem renunciar nem à sua personalidade nem à sua identidade e, ao se reduzir o impacto do choque cultural, será capaz de se tornar um mediador entre as culturas em contato (OLIVERAS, 2000).

CORROS (2002) explica que o objetivo de um ensino intercultural seria que o aprendiz de uma língua estrangeira fosse uma espécie de intermediário, um falante intercultural que, quando tiver adquirido a competência cultural adequada, passará a ser um ator intercultural. GONZÁLEZ (2002), preocupando-se com quais conteúdos culturais ensinar em sala de aula, os agrupa em duas partes: aqueles que entendem cultura como forma de vida e os que entendem cultura como as produções intelectuais e artísticas. A primeira inclui as relações sociais, aspectos socioeconômicos, sociais e de tempo livre; a segunda, os âmbitos literário e artístico, político, histórico, geográfico, de meio ambiente e o componente estereotipado e típico.

As *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*, além de assumir a importância do ensino da língua estrangeira em suas quatro habilidades, propõem a cultura como um ponto de partida para o tratamento de temas transversais. A partir dos conhecimentos da cultura estrangeira, podem-se efetuar mudanças no sentido de contribuir para formar um aluno livre de preconceitos. No que tange ao ensino de Sociologia, o documento menciona que devemos utilizar em sala de aula conceitos, teorias e temas de forma articulada, para poder desenvolver nos alunos o domínio da

linguagem científica. Dessa forma, o ensino adquire uma função social e apresenta contribuições para a formação do aluno como cidadão. Com esse objetivo, o documento propõe alguns temas para reflexão relacionados à ideia de formação do cidadão: política, economia, educação, problemas sociais, esportes, tempo livre, informação e imprensa, línguas e linguagens (BRASIL, 2006, v. 1 e 3).

Na experiência que relatamos, adotamos a proposta do enfoque holístico pensando nos objetivos de um ensino intercultural tal qual propõe CORROS (2002), para desenvolver nos alunos uma postura de sensibilização e empatia em relação às diferenças culturais, com uma atitude integradora e não excludente, além de contribuir para a formação do aluno como cidadão, ao combater o preconceito e a intolerância. Por isso, escolhemos trabalhar com um tema que pudesse encaixar-se nos conteúdos das duas disciplinas: o “Dia dos Mortos” no México, uma festividade religiosa muito diferente do “Dia de Finados” no Brasil, com costumes e crenças de origem cristã e indígena.

De acordo BRANDES (2000), “Dia dos Mortos” é um termo específico para a versão mexicana do “Dia de Todos os Santos” e do “Dia de Finados”. Durante essa festividade muitos mexicanos, além de irem à missa e decorar os túmulos dos finados, também preparam oferendas para seus entes queridos (“os altares de morto”), decoram suas casas com papéis coloridos e brinquedos de plástico, fazem as comidas típicas do dia (pães decorados e caveiras de açúcar). Todos esses elementos sugerem um tratamento macabro e ao mesmo tempo irreverente da morte. Segundo ALBERRO (2004), caracterizada pela origem em tradições astecas, celtas e católicas, o “Dia dos Mortos” no México é uma festividade basicamente alegre, em que as famílias que a celebram acreditam receber em suas casas a visita de seus finados familiares. São deixadas oferendas nos túmulos dos entes queridos, e as famílias também montam um altar para homenageá-los. Tal altar é decorado com flores, amuletos religiosos, água, velas, fotografia dos finados, seus objetos e suas comidas e bebidas preferidas.

O “Dia dos Mortos” no México e o respeito à diversidade cultural e religiosa

Quando trabalhávamos como professores das disciplinas de Sociologia e de Espanhol num colégio público da cidade de Curitiba, tivemos como tarefa propor uma oficina na qual os alunos pudessem adquirir conhecimentos específicos e expô-los ao público visitante da Semana Cultural da escola. Resolvemos, então, propor uma oficina sobre o “Dia dos Mortos” no México, com o objetivo de trabalhar as tradições e as

origens da festividade em questão e, ao mesmo tempo, a tolerância religiosa. Nossa oficina estabeleceu como objetivos: ampliar o conhecimento de mundo dos participantes ao discutir as formas de ver a morte em diferentes culturas; fomentar a tolerância religiosa; sistematizar conhecimentos sobre a festividade; confeccionar um painel explicativo; e montar um “altar de morto”. Trabalhou-se com os seguintes conteúdos sobre a festividade religiosa: data e origem; crenças e sincretismo religioso; costumes e tradições; altar de morto e significado dos objetos que o compõem; e as diferenças entre o “Dia dos Mortos” e o *Halloween*.

As atividades foram realizadas de forma que os alunos pudessem escolher a oficina da qual gostariam de participar e por isso foram abertas inscrições. Uma semana antes do dia das inscrições, fizemos cartazes divulgando nossa oficina. Os cartazes apresentavam imagens das tradições mexicanas desse dia: os rituais, a decoração e as comidas. Em dia marcado, os alunos se dirigiram ao pátio do colégio e efetuaram suas inscrições. No horário normal de aula foram reservados três dias para que os professores responsáveis por cada oficina desenvolvessem os temas com os alunos. Cada oficina contava com vinte vagas e tivemos esse número de alunos inscritos.

No primeiro encontro (apêndice 1), abrimos a oficina com algumas perguntas dirigidas a todo o grupo, para averiguar seus conhecimentos prévios sobre a festividade e sobre as crenças de diferentes culturas em relação à morte, bem como para verificar a motivação dos alunos ao inscrever-se na oficina. Primeiramente lhes perguntamos se sabiam algo sobre a festa a ser estudada e, a partir de suas respostas, foi possível perceber que a maioria acreditava que o “Dia dos Mortos” no México fosse semelhante à festividade americana do *Halloween*. Depois lhes perguntamos o que pensavam sobre a morte, como se sentiam em relação a ela e se achavam que esses seus sentimentos estavam relacionados com sua própria cultura e religião. Nesse ponto, explicamos que, dependendo da cultura e da religião, as pessoas entendem a morte de forma diferente, e que isso deve ser respeitado. Em seguida, perguntamos aos alunos se eles conheciam diferentes formas de entender a morte, presente em outras culturas, e a essa questão responderam afirmativamente. Finalmente lhes perguntamos por quais motivos haviam escolhido se inscrever na oficina, sendo as respostas bastante variadas, mas, de maneira geral, notou-se uma grande curiosidade em relação ao tema.

Para trabalhar os conteúdos da oficina, utilizamos vídeos em espanhol, que variavam entre três e dez minutos de duração. O primeiro vídeo apresentava uma pequena reportagem sobre a festividade, e explicava suas origens e os costumes.

Colocamos esse vídeo duas vezes e, na segunda visualização, pedimos que os alunos anotassem as seguintes informações: a crença dos mexicanos antigos sobre a morte; quando ocorre a celebração; os costumes desse dia; o que são os altares de mortos e por que são oferecidos aos mortos; quais são as comidas desse dia; e quais são os objetos usados e o que simbolizam.

O segundo vídeo explicava as diferenças entre o “Dia dos Mortos” no México e o *Halloween*; depois de visualizá-lo duas vezes, os alunos anotaram e explicaram as diferenças entre as duas festas. O terceiro vídeo tratava da maneira irônica e em certa medida alegre de entender a morte presente na festa; também explicava sobre o altar de morto. Os alunos visualizaram este vídeo duas vezes e responderam às seguintes perguntas: Por que se trata de uma festividade alegre? Quais são os objetos do altar de morto e o que simbolizam? Completamos a explicação sobre o altar explicando suas origens na cultura asteca e reforçando a necessidade de se respeitar as crenças de outros povos e outras religiões. Também apresentamos imagens de alguns altares e chamamos a atenção para a riqueza de cores na decoração.

No segundo encontro (apêndice 2), retomamos o que havia sido estudado no encontro anterior e lhes perguntamos o que acharam dos costumes do “Dia dos Mortos” no México. Notamos que muitos alunos se mostraram especialmente surpresos com o “altar de morto”, que inicialmente associaram a um ritual de feitiço ou magia negra, mas, ao terem informações sobre as tradições e origens da festa, passaram a vê-lo como um símbolo da religiosidade. Nesse encontro tivemos que começar a preparar a exposição que os alunos fariam na Semana Cultural. Para isso os dividimos em quatro grupos, e cada um deles se encarregou de um dos tópicos estudados no primeiro encontro: 1) Dias da celebração, crenças e suas origens; 2) Costumes, comidas, bebidas, objetos e adornos; 3) Tipos de altares de mortos e significados dos objetos; 4) Diferenças entre o Dia dos Mortos e o *Halloween*. Cada grupo escreveu um pequeno texto sobre seu tópico, montando um painel explicativo. Além do painel explicativo também propomos a montagem de uma réplica de um “altar de morto”. Explicamos que nosso objetivo não era estimular que eles assimilassem as crenças da festa, mas observar as reações dos visitantes ao se depararem com o altar em exposição. A partir das reações poderíamos ter uma atitude preventiva, no sentido de fomentar o respeito e a tolerância religiosa. Também combinamos de levarmos comidas para colocar no altar e, ao final das atividades da Semana Cultural, realizarmos uma confraternização na qual comeríamos as “oferendas”.

No terceiro encontro (apêndice 3), colocamos um vídeo que tratava das decorações do “Dia dos Mortos”, e retiramos dele algumas ideias para fazer a decoração da sala de aula em que ficariam expostos o painel e o altar. Os alunos confeccionaram vários enfeites e, nesse momento de mais descontração, mostraram-se muito animados com a Semana Cultural.

No dia das exposições na Semana Cultural, após realizar a montagem da decoração, do painel e do altar, dividimos os alunos em grupos com quatro integrantes e fizemos escalas de horários para a permanência dos grupos na sala. Cada grupo deveria permanecer na sala num determinado horário, para fazer a exposição oral aos visitantes. Nos horários em que não estavam apresentando seus trabalhos, cada aluno ficou livre para visitar os trabalhos realizados em outras oficinas. Após as visitas e exposições, fizemos um momento de confraternização apenas para os participantes da oficina.

Por iniciativa do colégio, realizou-se um encontro de avaliação do evento cultural, em que conversamos sobre o que haviam aprendido na oficina, do que haviam gostado mais na Semana Cultural e outras impressões. Nesse momento, os alunos nos relataram que vários visitantes, ao se depararem com o altar de morto, mostraram-se relutantes em entrar na sala, pois relacionaram o altar a um ritual de magia. Diante dessas reações, nossos alunos disseram que conversaram com os visitantes, explicando a eles o objetivo da montagem do altar em nossa oficina, bem como os costumes e tradições do “Dia dos Mortos” no México. Dessa forma, o conhecimento adquirido na oficina, sobre os costumes e crenças de outro povo, contribuiu para romper os preconceitos e a intolerância, bem como para incentivar o respeito a uma outra cultura.

Referências

ALBERRO, M. El antiguo festival céltico pagano de Sumain y su continuación en la fiesta laica de Halloween, el Día de los Difuntos Cristiano y el Día de Muertos en México. **Revista Araucaria**, Sevilha, v. 5, n. 12, 2004, p. 3-31.

BRANDES, S. El día de muertos, el Halloween y la búsqueda de una identidad nacional mexicana. **Revista Alteridades**, México, v. 10, n. 20, 2000, p. 7-20.

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006. V. 1.

_____. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006. V. 3.

BYRAM, M.; FLEMING, M. **Perspectivas interculturales en el aprendizaje de idiomas:** Enfoques a través del teatro y la etnografía. Cambridge: Cambridge University Press. Colección Cambridge de Didáctica de lenguas, 2001.

CANALE, M. De la competencia comunicativa a la pedagogía comunicativa del lenguaje. In: LLOVERA, M. et al. **Competencia comunicativa:** documentos básicos en la enseñanza de lenguas extranjeras. Madri: Edelsa, 1995.

CORROS MAZÓN, F. J. Malentendidos culturales en Estudiantes norteamericanos de E/LE. **Revista Forma.** Sgel, Madri, 2002, n. 4, p. 119-136.

CUCHE, Denis. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: Edusc, 2002.

GONZÁLEZ CASADO, P. Contenidos culturales e imagen de España en manuales de E/LE de los años 90. **Revista Forma.** Sgel, Madri, 2002, n. 4, p. 63-86.

HYMES, D. H. Acerca de la competencia comunicativa. In: LLOVERA, M. et al. **Competencia comunicativa:** documentos básicos en la enseñanza de lenguas extranjeras. Madri: Edelsa, 1995.

OLIVERAS, A. **Hacia la competencia intercultural en el aprendizaje de una lengua extranjera:** Estudio del choque cultural y los malentendidos. Madrid: Edinumen, 2000.

Apêndices

APÊNDICE 1 - OFICINA “DIA DOS MORTOS” NO MÉXICO: PRIMEIRO ENCONTRO

Objetivos:

- Ampliar o conhecimento de mundo dos participantes e discutir sobre as diferentes formas de ver a morte;
- Sistematizar conhecimentos sobre a festividade;
- Elaborar um roteiro para a confecção de um painel explicativo.

Conteúdos:

- Data e origem da festividade;
- Crenças e sincretismo religioso;
- Costumes e tradições;
- Tipos de altares de morto e significado dos objetos que compõem o altar;
- Diferenças entre o “Dia dos Mortos” e o *Halloween*.

Recursos:

- TV multimídia;

- Quadro e giz.				
Desenvolvimento da aula: 2 aulas (90 minutos)				
Passos: 1	Tempo: 10 min	Fase: Apresentação	Tipo de agrupamento: individual	Fazer as seguintes perguntas ao grupo: - O que você sabe sobre o “Dia dos Mortos” no México? - Você conhece outras formas de entender a morte presente em culturas diferentes da nossa? - Você pensa sobre a morte? - O que sente em relação a ela? - Por que você escolheu se inscrever nesta oficina?
2	20 min	Visualização de reportagem	Grupos de até 5 alunos, deixando um como secretário para fazer anotações	Colocar a reportagem duas vezes. Na segunda, parar para que os alunos anotem as seguintes informações: - A crença dos mexicanos antigos sobre a morte; - Quando ocorre a celebração; - Os costumes desse dia; - O que são os altares de mortos e por que são oferecidos aos mortos; - Quais são as comidas desse dia; - Quais são os objetos usados e para que servem.
3	10 min	Visualização de vídeo	Grupos de até 5 alunos, deixando um como secretário para fazer anotações	Colocar o vídeo duas vezes. Na segunda, parar para que os alunos anotem as diferenças entre o “Dia dos Mortos” e o <i>Halloween</i> .
4	30 min	Visualização de vídeo	Grupos de até 5 alunos, deixando um como secretário para fazer anotações	Colocar o vídeo duas vezes. Na segunda, parar para que os alunos anotem as seguintes informações: - Como os antigos astecas viam a morte? - Anote os tipos de altares por níveis e o que simboliza cada nível. - Anote os objetos do altar de morto e seus significados.
5	20 min	Prática	Grupos de até 5 alunos, deixando um como secretário para fazer anotações	Cada grupo se encarrega de um dos seguintes tópicos: - Dias da celebração, crenças e origens das crenças; - Costumes, comidas, bebidas, objetos e adornos; - Tipos de altares de mortos e significados dos objetos; - Diferenças entre “Dia dos Mortos” e <i>Halloween</i> . Os grupos escrevem o texto que vai compor o painel explicativo. Ao final, os professores solicitam para o segundo encontro, que os alunos tragam cartolinas, papel crepom e outros papéis nas cores laranja e roxo.

APÊNDICE 2 - OFICINA “DIA DOS MORTOS” NO MÉXICO: SEGUNDO ENCONTRO

Objetivos:

- Confeccionar os cartazes explicativos sobre a festividade;
- Definir os objetos e comidas a serem levados para a montagem do altar;
- Definir outras decorações para a sala no dia da semana cultural.

Conteúdos:

- Data e origem da festividade;
- Crenças e sincretismo religioso;
- Costumes e tradições;
- Tipos de altares de morto e significado dos objetos que compõem o altar;
- Diferenças entre o “Dia dos Mortos” e o *Halloween*.

Recursos:

- TV multimídia;
- Quadro e giz;
- Cartolina, papel de seda nas cores alaranjado, roxo, verde, canetinhas, tesouras e colas.

Desenvolvimento da aula: 3 aulas (150 minutos)

Passos:	Tempo:	Fase:	Tipo de agrupamento:	
1	60 min	Prática	Grupos de até 5 alunos	Os grupos confeccionam o painel explicativo. Cada grupo se encarrega do tema estabelecido no encontro anterior.
2	10 min	Visualização de vídeos	Individualmente	Colocar dois vídeos para trabalhar a decoração. Os alunos individualmente fazem anotações de coisas interessantes que viram nos vídeos. Também se mostra o vídeo com instruções para fazer o “papel picado”, indispensável para a montagem do altar de morto.
3	30 min	Prática	Grupos de até 5 alunos, deixando um como secretário para fazer anotações	Os grupos discutem ideias para fazer a decoração da sala. O representante de cada grupo repassa a toda a turma as ideias do seu grupo e elabora-se uma lista de materiais necessários para apresentar no último encontro.
4	20 min	Prática	Individualmente	Faz-se uma votação sobre o personagem a ser “homenageado” no altar de morto.
5	30 min	Prática	Grupos de até 5 alunos, deixando um como secretário para fazer anotações	Anotam-se os alunos que ficarão responsáveis por levar os objetos para o altar de morto. Para isso, serão marcados os nomes numa lista de objetos previamente preparada pelos professores.

APÊNDICE 3 - OFICINA “DIA DOS MORTOS” NO MÉXICO: TERCEIRO ENCONTRO

Objetivos:

- Confeccionar a decoração da sala de aula para o dia da apresentação na semana cultural;
- Discutir os últimos detalhes para a semana cultural e fazer ajustes, se necessário.

Conteúdos:

- Data e origem da festividade;
- Crenças e sincretismo religioso;
- Costumes e tradições;
- Tipos de altares de morto e significado dos objetos que compõem o altar;
- Diferenças entre o “Dia dos Mortos” e o *Halloween*.

Recursos:

TV multimídia;

Quadro e giz;

Cartolina, papel de seda colorido, barbante, canetinhas, tesouras e colas.

Desenvolvimento da aula: 2 aulas (90 minutos)

Passos: 1	Tempo: 70 min	Fase: Prática	Tipo de agrupamento: Grupos de até 5 alunos	Os grupos confeccionam as decorações.
2	20 min	Prática	Grande grupo	Fazer possíveis ajustes e discutir os últimos detalhes para a apresentação na semana cultural.